



LITERATURA, CARTOGRAFIA E JOGOS: ESPACIALIZANDO OS LUSÍADAS

RESUMO

Esta pesquisa investiga a interseção entre literatura e geografia como estratégia didática para a educação básica, explorando a aprendizagem baseada em jogos. Fundamentada em uma abordagem interdisciplinar, a pesquisa utiliza Os Lusíadas como referência literária para promover a espacialização de eventos e a compreensão de conceitos geográficos. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica, análise interpretativa e mediação pedagógica, apoiando-se em especialistas. O estudo enfatiza a importância da narração e da descrição literária na construção do pensamento geográfico, demonstrando como a literatura pode ser uma ferramenta para tornar o aprendizado mais significativo. A utilização do jogo como linguagem alternativa busca estimular o protagonismo do estudante, tornando-o ativo no processo de ensino-aprendizagem. A criação de um jogo de tabuleiro baseado em Os Lusíadas permite uma experiência lúdica e interativa, incentivando a criatividade e a articulação entre teoria e prática. A cartografia é empregada para espacializar acontecimentos e ampliar a compreensão dos alunos sobre a relação entre espaço e tempo. Para que o jogo funcione como recurso pedagógico e não apenas como passatempo, destaca-se a necessidade da mediação docente. Os resultados apontam que a interdisciplinaridade entre literatura e geografia favorece um aprendizado mais dinâmico, permitindo que os alunos desenvolvam múltiplas competências, como interpretação, pensamento crítico e noções espaciais. Além disso, a abordagem lúdica contribui para a motivação e engajamento dos estudantes, tornando o processo educacional mais acessível e prazeroso. Dessa forma, a pesquisa reforça a importância de metodologias ativas e inovadoras para a educação, promovendo conexões entre diferentes áreas do conhecimento e proporcionando novas formas de aprendizagem significativa.

Palavras-chave: educação; geografia; jogos educativos.

1 INTRODUÇÃO

Sair da abstração dos conceitos, sem qualquer vinculação com o mundo real, configura-se como uma necessidade fundamental para "proporcionar aprendizados que potencializem o espaço em que os sujeitos vivem" (Klering; Dias, 2019, p. 116). Este processo visa desmistificar a suposta abstração de determinados conteúdos, permitindo que o uso da literatura como linguagem alternativa, mesmo que indiretamente, se converta em uma presença mais significativa no cotidiano dos estudantes. Tal abordagem visa integrar o aprendizado e promover uma apropriação mais profunda dessa linguagem com significado.

Freire (1984) já destacava a importância de diferentes linguagens no processo educacional, sempre orientado pela possibilidade libertadora e pela emancipação dos sujeitos, de modo a transformar a educação em "em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento". Assim sendo, a criatividade em sala de aula se revela essencial para abranger diversos formatos de linguagem por meio das práticas pedagógicas.

Assim, as pesquisas com aprofundamento teórico - e mesmo prático - tornam-se essenciais para o exercício de escala, oportunizando diferentes visões acerca de uma mesma

área analisada (Klering; Cristiane, 2019, p. 118). Com isso, observamos que a ciência geográfica e seus conhecimentos, "por estarem diretamente ligados ao cotidiano, possuem várias formas de apropriação, apresentando características geográficas em inúmeros gêneros literários, textuais e culturais" (Portugal, 2018, p. 201).

A importância de vincular distintas áreas do conhecimento para projetos interdisciplinares na educação básica reside no que Lacoste (1988, p. 21) coloca como uma geografia "simplória e enfadonha", fechada em si mesma e sem possibilidade de abrangência. Segundo Porto (2011), o desenvolvimento de conceitos cartográficos, ou de outras áreas da ciência geográfica, pode partir de pontos em comum com a literatura, desde que esta seja utilizada de forma apropriada, buscando uma relação mais prazerosa no processo de ensino-aprendizagem.

A busca por um intermédio entre a literatura e a geografia pode parecer uma tarefa hercúlea, com a arte de um lado e a ciência do outro. No entanto, para Marandola e Oliveira (2009), em uma análise aprofundada, as duas áreas são muito mais correlatas do que aparentam à primeira vista. Ambas nasceram juntas na Grécia Antiga, com barreiras imprecisas de onde uma se finaliza para o início da outra. Contudo, com o passar dos séculos e o advento da modernidade, o contexto urbano-industrial aniquila os saberes estabelecidos de forma ampla e os "reduz" a especializações - fator esse que perdura até os dias atuais. Para Milton Santos (1994, p. 7):

A poesia e a filosofia, acopladas à geografia antiga. Nos tempos de Heródoto, os viajantes faziam geografia sem o intuito de fazê-la. A meu ver, o maior que a geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte. Ela abandonou a literatura, mudou sua forma de escrever e sucumbiu ao método científico.

O processo investigativo de Almeida (2018) culmina nos pontos de vinculação entre as duas áreas, considerando as características literárias, como narração, descrição e elementos textuais presentes na obra. Nessa ótica, Gomes (2013) faz um paralelo:

Na geografia, a narração corresponderia à ideia de *processos*. [...] Em oposição, a descrição teria maior compromisso com a simultaneidade de elementos, com a composição e até a simbologia, ou seja, com a relação da *forma* com os *conteúdos*. Os procedimentos descritivos são um traço muito forte na tradição geográfica (p. 68-69. *Grifos do autor*).

Por meio das narrações e descrições, Almeida (2018) identifica elementos plausíveis para a construção de conhecimentos visando fundamentar a geografia como uma forma de explorá-la em recursos potenciais para a construção do pensamento geográfico na educação básica. Utilizando a paisagem como ferramenta principal, seu objetivo central é a conceituação do espaço geográfico. Paul Claval (1999) orienta as discussões sobre a paisagem, abordando-a sob a perspectiva da representação cultural.

Quanto à discussão sobre o espaço geográfico, Almeida (2018) recorre a Milton Santos, que define o conceito como "conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá" (Santos, 1997, p. 51). Na visão de Almeida, a literatura abre portas para a reflexão sobre os atores presentes na sociedade e na natureza, pois as obras literárias são elaboradas na mesma ótica do espaço geográfico, inseridas em um determinado momento histórico. Sendo assim, "as obras literárias são produtos construídos em meio a processos geográficos, históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais que podem apresentar traços do tempo e do espaço onde foram produzidas" (Almeida, 2018, p. 233).

Os conceitos a serem discutidos dentro de sua obra são inúmeros, possibilitando ao educando uma miríade de possibilidades, e com o auxílio da cartografia – para espacializar os

acontecimentos e localizações – torna-se possível para estes a utilização da aprendizagem baseada em jogos como mecanismo de engajamento e aprendizado.

O jogo como linguagem alternativa estimula o estudante – o qual devido a fatores de estímulo constante (em alguns casos) de redes sociais e acesso à tecnologia desde cedo – a utilizar a imaginação e a criatividade e se colocar como protagonista dentro de seu processo de ensino-aprendizagem. E como apontado por Callai e Moraes (2013, p. 135):

O literário é sempre plurissignificativo, isto é, a interpretação é dada de acordo com a subjetividade de cada leitor. O leitor acolhe o texto de acordo com sua subjetividade, o que faz com que cada leitor interprete o texto literário de maneira diferente.

Dessa forma, o estudante (e literário) se coloca como protagonista dentro da dinâmica e das possibilidades presentes que a criação de um jogo envolve, desde de suas regras até a concepção final dos materiais utilizados e a forma de apresentação da obra e dos conceitos abordados, discutidos e interpretados pelos mesmos. Possibilitando interpretações distintas e com os aspectos subjetivos e das vivências cotidianas que estes carregam.

É necessário apontar que o jogo – quando atuante dentro do processo de ensino-aprendizagem – não pode apenas se realizar como passatempo, e sim como recurso pedagógico. O mesmo deve levar em consideração o nível de conhecimento, dinâmica e o utilidade que propiciará ao estudante, propiciando ao mesmo a articulação entre a teoria e a prática, desenvolvendo a criatividade e que segundo Bertoldi (2003) “as aquisições relativas a novos conhecimentos e conteúdos escolares não estão nos jogos em si, mas dependem das intervenções realizadas pelo profissional que conduz e coordena as atividades”.

- **Canto III - A Ilha dos Amores:** Narração do episódio da Ilha dos Amores, onde os deuses celebram o amor entre Vénus e Marte.
- **Canto IV - Inês de Castro:** Conta a história trágica de Inês de Castro, uma das histórias de amor mais famosas da literatura portuguesa.
- **Canto V - O Gigante Adamastor:** Descrição do encontro dos navegadores portugueses com o gigante Adamastor, uma representação mitológica do Cabo da Boa Esperança.
- **Canto VIII - A Ilha dos Gigantes:** Descrição de uma tempestade enfrentada pelos portugueses e a chegada à Ilha dos Gigantes.

O desenvolvimento do projeto de pesquisa se ampara justamente no desenvolvimento deste pelos estudantes e na mediação exercida pelo educador, estimulando para que estes possam exercer papel ativo dentro do projeto, demonstrando dessa forma o que Castrogiovanni (2011) considera como encanto pedagógico, que age “[...] de forma lúdica, inquietante, que desperte a curiosidade, envolvendo o sujeito e transformando seu estado intelectual. Nós, professores, temos como tarefa conquistar os corações de nossos alunos diariamente, com dedicação, afeto e autoridade pedagógica”.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa se fundamenta em uma abordagem interdisciplinar que integra literatura e geografia, utilizando obras literárias como Os Lusíadas para explorar conceitos espaciais e históricos. O estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica aprofundada, amparada por autores como Paulo Freire, Milton Santos e Paul Claval, que discutem a importância das linguagens na educação e a relação entre espaço geográfico e narrativa literária. Além disso, são empregados materiais didáticos, mapas e referências cartográficas para espacializar acontecimentos e fortalecer a compreensão dos conteúdos. A metodologia adotada valoriza a

mediação pedagógica, na qual o professor atua como facilitador do aprendizado, conduzindo reflexões e estimulando conexões entre teoria e prática.

A pesquisa também adota a aprendizagem baseada em jogos como estratégia didática, promovendo maior engajamento dos estudantes. A criação de um jogo de tabuleiro inspirado na estrutura narrativa de *Os Lusíadas* permite que os alunos assumam um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, incentivando a criatividade, a interpretação subjetiva e a construção do conhecimento de forma lúdica. A análise interpretativa das descrições e narrações literárias auxilia na compreensão de conceitos geográficos, ao mesmo tempo que a prática do jogo estimula a articulação entre diferentes saberes. Assim, o estudo reforça a importância de metodologias ativas no ensino, ampliando as possibilidades de aprendizado significativo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os conceitos a serem discutidos dentro de sua obra são inúmeros, possibilitando ao educando uma miríade de possibilidades, e com o auxílio da cartografia – para espacializar os acontecimentos e localizações – torna-se possível para estes a utilização da aprendizagem baseada em jogos como mecanismo de engajamento e aprendizado.

O jogo como linguagem alternativa estimula o estudante – o qual devido a fatores de estímulo constante (em alguns casos) de redes sociais e acesso à tecnologia desde cedo – a utilizar a imaginação e a criatividade e se colocar como protagonista dentro de seu processo de ensino-aprendizagem. E como apontado por Callai e Moraes (2013, p. 135):

O literário é sempre plurissignificativo, isto é, a interpretação é dada de acordo com a subjetividade de cada leitor. O leitor acolhe o texto de acordo com sua subjetividade, o que faz com que cada leitor interprete o texto literário de maneira diferente.



Figura 1 – Elaboração do caminho para o percurso do tabuleiro baseado na obra *Os Lusíadas*. Fonte: Autoria própria.

Dessa forma, o estudante (e literário) se coloca como protagonista dentro da dinâmica e das possibilidades presentes que a criação de um jogo envolve, desde de suas regras até a concepção final dos materiais utilizados e a forma de apresentação da obra e dos conceitos

abordados, discutidos e interpretados pelos mesmos. Possibilitando interpretações distintas e com os aspectos subjetivos e das vivências cotidianas que estes carregam.

É necessário apontar que o jogo – quando atuante dentro do processo de ensino-aprendizagem – não pode apenas se realizar como passatempo, e sim como recurso pedagógico. O mesmo deve levar em consideração o nível de conhecimento, dinâmica e o utilidade que propiciará ao estudante, propiciando ao mesmo a articulação entre a teoria e a prática, desenvolvendo a criatividade e que segundo Bertoldi (2003) “as aquisições relativas a novos conhecimentos e conteúdos escolares não estão nos jogos em si, mas dependem das intervenções realizadas pelo profissional que conduz e coordena as atividades”.

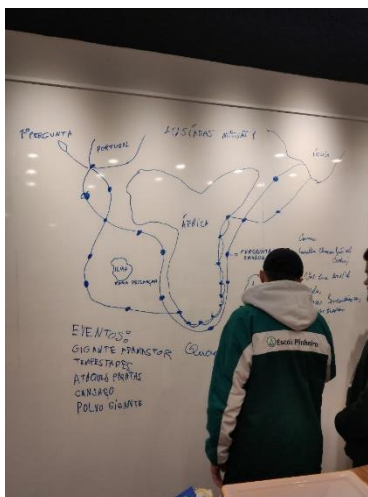


Figura 2 – Estudo inicial do percurso de Vasco da Gama na obra *Os Lusíadas* de Camões. Fonte: Autoria própria.

Quanto à discussão sobre o espaço geográfico, Almeida (2018) recorre a Milton Santos, que define o conceito como "conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá" (Santos, 1997, p. 51). Na visão de Almeida, a literatura abre portas para a reflexão sobre os atores presentes na sociedade e na natureza, pois as obras literárias são elaboradas na mesma ótica do espaço geográfico, inseridas em um determinado momento histórico. Sendo assim, "as obras literárias são produtos construídos em meio a processos geográficos, históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais que podem apresentar traços do tempo e do espaço onde foram produzidas" (Almeida, 2018, p. 233).

Nesta seção o autor deve apresentar, comentar e interpretar os dados que você coletou na pesquisa, podendo ser utilizados também Tabelas e/ou Figuras. A discussão dos resultados deve estar baseada e comparada com a literatura científica, indicando sua relevância, vantagens e possíveis limitações.

As tabelas e/ou figuras (fotografias, gráficos, desenhos) devem apresentar qualidade necessária à boa reprodução. **Nas Tabelas (sem negrito), o título deve ficar acima e nas Figuras (sem negrito), o título deve ficar abaixo.**

4 CONCLUSÃO

Destacamos o discurso literário como significativo para a compreensão socioespacial e histórica do espaço geográfico, de maneira articulada entre a ontologia do ser social (individual e coletivo) e as experiências ficcionais das obras literárias, que revelam aspectos sombreados e não nítidos do cotidiano para os estudantes (Marandolla, 2009). Nessa ótica, o mesmo passa a compreender e analisar as relações cotidianas a partir de seus esforços para que estas possam se projetar além da normalidade e da causalidade cotidiana já estabelecidas,

encarnando no sujeito uma simbologia que o projeta para fora do que Kosik (1995) estabelece como pseudoconcreticidade.

Esse fundamento interpretativo do mundo, pela interdisciplinaridade existente entre a Geografia e a Literatura, possibilita ao estudante uma integração às redes simbólicas, as quais delimitam um universo existencial no qual a cultura concretiza a compreensão simbólica, interferindo diretamente na perspectiva espacial e crítica. Nesse sentido, a relação entre o ensino de Geografia e Literatura tem como centralidade a necessidade de partir do espaço para alcançá-lo.

Em outras palavras, o espaço que buscamos compreender interdisciplinarmente encontra-se no próprio entendimento da espacialidade em seus aspectos materiais e imateriais. Nesse sentido, Santos (1996, p. 85) aponta que “o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos”.

O espaço é múltiplo e não pode ser compreendido apenas a partir de sua materialidade (Barbosa e Silva, 2013), de sua aparência ou mesmo do isolamento dos objetos, pois este é o visível sustentado pelo invisível e vice-versa. A manifestação do espaço, seja por permanências ou mudanças, promove diferentes espacialidades. Além disso, a relação entre o espaço geográfico e o espaço da narrativa não pode e não deve ser confundida.

Dessa forma, compreendemos que a importância do espaço se estabelece obrigatoriamente na ampliação de nossa crítica para entendermos o todo, o que, segundo Mattéi (2002, p. 140), é visto da seguinte forma: “Tudo no Ocidente é uma questão de espaço [...] E todo espaço é, de imediato, uma questão de delimitação. A alma é limitada pelo corpo; o mundo é limitado pelo caos; a civilização é limitada pela barbárie”.

Ainda segundo Almeida (2018), pensar na aproximação entre a Geografia e a Literatura pode soar como algo duvidoso, devido ao fato de a Geografia estar posta no grupo dos conhecimentos científicos e a Literatura, no das artes. Dessa forma, suas áreas de atuação e interesses se “estabelecem” como distintos e distantes. Contudo, houve tempos em que essas fronteiras entre ciência geográfica e Literatura, ciência e arte, eram pouco ou nada perceptíveis.

Buscamos, dessa forma, entrelaçar a relação entre as diferentes áreas da ciência, estabelecendo vínculos entre os estudantes dentro dos grupos, criando oportunidades de produção e elaboração, e “diluindo” o limiar entre as diferentes ciências e artes. Assim, criamos um espaço no qual os estudantes podem desenvolver narrativas e avaliações que façam sentido dentro de suas próprias perspectivas, partindo de um ponto em comum.

A conclusão deve ser elaborada, em frases curtas, claras e conexas, com base nos objetivos e resultados do Resumo Expandido, conectando os pontos de discussão do tema, apresentando o trajeto e revelando até que ponto a pesquisa chegou. Esse tópico é o fechamento do seu trabalho, apresente limitações e futuras perspectivas acerca do estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre Dalla Barba de. (Re)Leituras Geográficas: Possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar Geografia utilizando a literatura de Júlio Verne enquanto linguagem auxiliar. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BARBOSA, T. SILVA, I. A. O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LITERATURA: UMA CONTRIBUIÇÃO ESTÉTICA. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 15, n. 49 Mar/2014 p. 80–89.

CALLAI, Helena Copetti.; MORAES, Maristela Maria de; Literatura e geografia em uma proposta interdisciplinar. In. PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silveira (orgs.). (Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas. 1.ed. Curitiba: CRV, 2013.

CASTELLAR, S. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E.; MORAES, L. Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: Nepeg, 2010. p. 39-58. DUPUY, L. Jules Verne. La géographie et l'imaginaire, 2013, La Clef d'Argent, coll. KhThOn, nº3, 145 pages.

FREITAS, I. A. FERNANDES, R. A Geografia na Obra de Júlio Verne: difusão, tradição e modernidade. Para Onde!?, Vol. 6, nº 2, p. 89 -95, jul./dez. 2012 GOMES, Paulo César da Costa. O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MARANDOLA Jr., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. Geografia. Rio Claro, SP: v.34, n.3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MONBEIG, Pierre. Ensaios de Geografia Humana Brasileira. São Paulo: Martins, 1940.

MONTEIRO, C.A.F. O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002a.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo:

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e geografia. Boletim Geográfico, ano 7, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.